

Maioria das empresas abertas deve mostrar resultados fracos no 2º tri

Balanços Projeção é de números melhores nos próximos meses

Economia instável mantém resultados do 2º tri fracos

Felipe Laurence
De São Paulo

A temporada de resultados do segundo trimestre deve manter o tom dos três primeiros meses de 2023, sem grandes surpresas, com o mercado já esperando uma série de balanços mais fracos das empresas listadas em bolsa, ainda refletindo o cenário econômico desafiador. O importante, segundo analistas ouvidos pelo Valor, será o sinalização que essas companhias vão dar para a sequência do ano.

"A percepção geral que temos é que a melhora que vimos nos preços das ações nos últimos meses, com a expectativa de redução nos juros e melhora na atividade econômica, não será corroborada pelos resultados", afirma Fernando Ferreira, estrategista-chefe da XP. Ele aponta que os indicadores macroeconômicos fracos mostrados nas últimas semanas reduziram expectativas dos analistas.

A taxa básica de juros do Brasil ainda se mantém em 13,75% ao ano, patamar próximo ao de 12 meses atrás, e deve se traduzir em um aumento menos robusto nos resultados financeiros das companhias. O alto custo de dívidas, no entanto, ainda terá forte impacto na última linha dos balanços. A queda de 2% na atividade econômica em maio, apontada pelos dados do IBC-Br divulgados no início da semana, também cobrará seu preço.

Os resultados das empresas devem surpreender pouco o mer-

cado, o primeiro trimestre teve mais esse papel de ajustar expectativas sobre o que estava acontecendo e os números divulgados nas próximas semanas devem se manter bem parecidos com os dos primeiros meses do ano", diz Pedro Serra, diretor de pesquisa da Ativa Investimentos.

Pesquisa feita pelo Bank of America (BofA) mostra que 63% dos gestores entrevistados consideram que boa parte do cenário de resultados mais fracos já se refletiu nos preços das companhias, o que reduz as possibilidades de surpresas negativas e aumenta o potencial de valorização das ações caso alguma empresa supere as expectativas para o período.

Para Ferreira, os movimentos recentes feitos pelas empresas, como renegociação de dívidas e oferta de ações para reforçar o balanço, mostra ao mercado que elas próprias já esperam uma continuidade no cenário atual. "Ainda foi um trimestre desafiador em termos de fundamentos e a grande questão é se o investidor vai relevar isso em função do que vem no segundo semestre".

Há uma expectativa generalizada do mercado de que o Banco Central deve iniciar um processo de corte de juros no segundo semestre, com o arrefecimento da inflação, o que vai ajudar diretamente os resultados futuros das companhias. A atividade econômica mais robusta, com bancos revisando para cima suas estimativas de geração do Produto Interno Bruto (PIB), também aumenta perspectiva de

números mais favoráveis nos próximos trimestres.

Apesar de a maioria dos resultados de segundo trimestre já estarem precificadas, alguns setores podem se destacar positivamente. A Ativa chama atenção para as empresas de saúde — que registram menor pressão de custos — e de construção civil — dado resultados operacionais robustos com o aumento de lançamentos e vendas — como dois exemplos que podem surpreender o mercado. Varejo de alta renda e bens de capital podem ter números fortes também, na avaliação da XP.

WEG e Romi, as empresas que abriram a temporada de resultados do segundo trimestre, mostraram números distintos, mesmo sendo do mesmo setor industrial. A primeira teve resultados novamente robustos, com expansão de margens ao ver seus custos diminuindo. À Romi, por sua vez, viu as ações derreterem após faturamento e entrada de novos pedidos caírem.

"Poucos setores devem mostrar aquela resiliência que vimos no primeiro trimestre por conta do macroeconômico turbulento", afirma Jennie Li, estrategista da XP. Ela lembra que as commodities se mantiveram com preços praticamente estáveis, mas houve uma valorização expressiva do real que deve reduzir ganhos das empresas que atuam com exportação, como minerasadoras, siderúrgicas e papelarias.

A Vale apresentou na quarta-feira uma evolução sequencial na

produção do segundo trimestre, mas a avaliação dos bancos é que isso não deve se traduzir em grandes ganhos financeiros, com analistas mantendo estimativas de Ebitda em torno de US\$ 4 bilhões para a companhia, muito por conta da apreciação do câmbio e menor ritmo de vendas no período.

O varejo ligado a alta renda e shoppings deve manter resultados robustos no segundo trimestre. Ambos conseguiram retomar rapidamente o desempenho pré-pandemia e repassar a alta nos custos para produtos e alugueis. Alguns setores do agrário, como o ligado a açúcar e álcool, também devem registrar bom desempenho no período, de acordo com a estratégia da XP.

Empresas de setores com alavancagem financeira elevada, como companhias aéreas e locadoras de veículos, devem ter resultados mais pressionados. Supermercados devem sofrer com menor inflação, aponta LI.

"Poucos setores devem mostrar aquela resiliência que vimos no primeiro trimestre por conta do macroeconômico turbulento"
Jennie Li



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas Caderno: B Pagina: 1